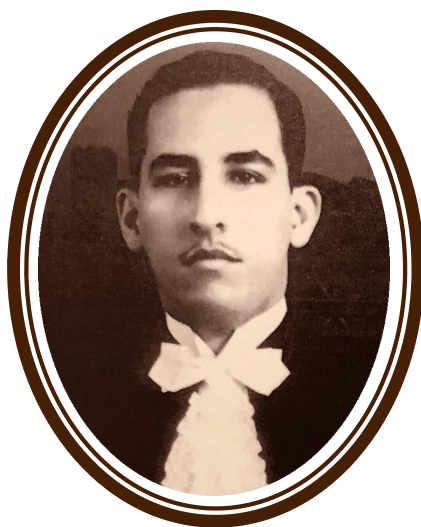




JOÃO ALBERTO MARADEI CARDOSO PEREIRA

Habib Fraiha Neto

Membro Titular da Academia de Medicina do Pará

À noite de 8 de fevereiro de 2017 compareci ao lançamento festivo do livro autobiográfico de meu colega desde os tempos de aluno marista, contemporâneo de Faculdade e depois confrade na Academia de Medicina do Pará, o cirurgião ortopédico, mais conhecido como Dr. João Maradei, cuja amizade de nossas esposas nos haveria de aproximar ainda mais na maturidade. Época de sérios compromissos meus relacionados sobretudo à laboriosa edição de meu livro sobre Gaspar Vianna, não me interessei imediatamente por sua leitura e o integrei ao meu numeroso acervo bibliográfico, alheio ao entusiasmo que um dia me despertaria, quando em busca de subsídios para biografá-lo fui informado por sua esposa que estava tudo ali nele contido. Constituiu para mim verdadeiro deleite o conhecimento de seu conteúdo: uma autêntica lição de vida. Apraz-me reunir nestas linhas o que me pareceu adequado ao estilo desta obra.

João Maradei nasceu em Belém a 16 de novembro de 1935, filho de europeus: o pai, João Cardoso Pereira, comerciante português oriundo do distrito de Vizeu, proprietário da joalheria Casa Cahen; a mãe, Maria Maradei Pereira, italiana da Calábria.

Cursou o primário no Colégio São José, conceituada escola particular então existente no centro comercial de sua cidade natal, dirigida pela Professora Beatriz Coutinho (“dona Bibi”). Em 1948 ingressou no Colégio N^a S^a de Nazaré, onde cursou o ginásio e o científico.

Em 1952, ainda aluno do colégio marista, pensava seguir a profissão do pai, conduzindo os negócios da joalheria quando este se aposentasse. Matriculou-se na Escola Técnica de Comércio Fênix Caixeiral Paraense, para aulas noturnas. Período difícil, certamente, em que haveria de acumular o curso científico pela manhã, a ajuda ao pai na loja nas poucas horas de folga e o curso Técnico de Contabilidade à noite, este levado muito a sério, o que o

recomendaria à condição de orador da turma de concluintes, três anos depois.

Mas, seu destino haveria de ser bem outro. Humberto, o único irmão, quatro anos mais velho, já era estudante de Medicina e ia muito bem. O pai, homem de poucas palavras, mas de muito discernimento, ponderou ao filho mais moço que, se trabalhassem os dois juntos, renderiam muito mais. João acatou a recomendação paterna e decidiu também abraçar Medicina.

Ingressou com o pé direito, em 1955, em nossa tradicional Faculdade de Medicina e Cirurgia, conquistando um honroso primeiro lugar. Ao mesmo tempo, deu entrada no serviço militar do Exército, no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR) da 8ª Região Militar, curso que concluiu em agosto do ano seguinte.

Durante todo o curso médico acompanhou o quanto pôde seu irmão Humberto no Pronto Socorro Municipal de Belém e no Hospital da Santa Casa de Misericórdia do Pará – nas Enfermarias São Paulo, de Traumatologia (Serviço dos Drs. Eduardo Braga, Júlio Cruz e Manuel Braga) e São Roque, de Cirurgia Geral (Serviço dos Drs. Clóvis Meira e Rui Coral).

Teve destacada atuação na política universitária, desde o segundo ano de Faculdade. Membro do Diretório Acadêmico, pugnou pela abertura de um restaurante universitário na sede do órgão, que colocou em funcionamento, mas teria, lamentavelmente, vida efêmera.

Em fevereiro de 1959, antes de cursar o 5º ano de Medicina, foi aluno de um curso de extensão universitária ministrado pelo famoso cirurgião gastroenterologista Prof. Edmundo Vasconcelos, no Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo.

Aluno sempre esforçado, destacou-se particularmente em algumas disciplinas do Curso Médico, como a de Neurologia. Graduou-se na turma de dezembro de 1960.

Após a formatura continuou trabalhando no Pronto Socorro e como médico cirurgião no Hospital da Santa Casa de Misericórdia do Pará.

No início de 1963, em breve encontro com o Prof. João Fecury, professor de Cardiologia na Clínica Médica, foi por este informado da possibilidade de restauração do sistema arterial com enxerto de veia invertida ou enxerto sintético, e que em Belém não havia ainda especialista nesse campo. Decidiu-se ir a São Paulo para aprender um pouco dessa arte. Em maio de 1963 iniciou estágio no

Departamento de Cirurgia Vascular do Hospital São Paulo, da Escola Paulista de Medicina, onde adiestrou-se em suturas de pequenos vasos. Após três meses de intensa prática, inscreveu-se num curso de extensão promovido pela Disciplina de Vasos da Primeira Clínica Cirúrgica do Hospital das Clínicas da USP, onde realizou estágio de quatro meses, de setembro a dezembro do mesmo ano, sob a liderança do preceptor de Cirurgia Vascular, Dr. Marcos Wollosker. Acompanhava, então, diariamente às noites dos dias úteis, as cirurgias realizadas no Pronto Socorro.



Fotografia de formatura, em dezembro de 1960.

Convidado por seu preceptor a permanecer em São Paulo, declinou do honroso convite, decidido a trazer consigo a especialidade para Belém. Fundou aqui a Regional Pará da Sociedade Brasileira de Angiologia e Cirurgia Vascular e foi seu primeiro Presidente. Em decorrência de sua atividade na área de

Cirurgia Vascular foi admitido como Membro Titular do Colégio Brasileiro de Cirurgiões.

Aos poucos, ele e o irmão foram sentindo necessidade de montar um consultório próprio. Ocuparam, sucessivamente, dois pequenos espaços no bairro do Comércio. O segundo, pouco maior, já lhes permitiu abrigar inclusive um aparelho de Raios X portátil, que era possível levar aonde fossem em seu fusquinha. Cada vez mais bem-sucedida, a dupla ia aprendendo a sonhar mais alto. Ocorreu-lhes a aquisição de um espaço maior, a fim de abrigar todo o equipamento necessário ao exercício da Traumatologia, inclusive uma sala de cirurgia. Foi quando chegou-lhes notícia de uma casa à venda na Avenida Nazaré ao lado do Cinema Iracema, imóvel de dois andares, de excelente localização, muito bem conservado, mas provavelmente caro demais. Foram vê-lo. Voltaram vivamente interessados, embora compreendendo que não tinham como adquiri-lo à vista, tal como pretendido pelas vendedoras. Foi quando João lembrou-se de “um grande trunfo” a seu alcance: sua mãe. Foi até ela e a convenceu a ir conhecer o imóvel. Lá, Dona Maria logrou persuadir as vendedoras de parcelar a compra. E já saíram de lá com o negócio praticamente fechado.

Começava assim a tomar corpo a realização de um grande projeto, hoje vitorioso, cujo embrião haveria de ser a Clínica dos Acidentados, inaugurada em dezembro de 1966.

No dia 3 de maio de 1969 contraiu matrimônio com sua amada Maria do Perpétuo Socorro Pereira Ramos, hoje Ramos Pereira, mãe de seus quatro filhos e sua grande companheira nestes mais de cinquenta anos de harmoniosa vida conjugal.

Uma vez criada em 1971, pelo Dr. Jean Bitar, a Faculdade Estadual de Medicina do Pará, seu irmão Humberto o precedeu na atividade docente e, como sempre muito insinuante, induziu o irmão mais moço a estreiar no magistério superior. Começou por uma aula inaugural, depois pelo ensino regular de Anatomia, e foi pegando gosto, até um dia se decidir por assumir a Cadeira dessa disciplina. Estendeu depois sua área de atuação docente na Faculdade, ensinando também nas disciplinas de Ortopedia e Traumatologia, cujas aulas práticas eram dadas na Clínica dos Acidentados.

Após sucessivas novas aquisições de imóveis circunvizinhos, edificadas ou não, chegou-se à definição da extensa área hoje ocupada pela Clínica, em que foi erigido edifício de 7 andares, além do térreo e subsolo, cujo projeto arquitetônico traz a assinatura do grande Milton Monte.

Durante quase três décadas a Clínica dos Acidentados foi praticamente o único hospital de referência em Ortopedia e Traumatologia no Estado do Pará. No início, os irmãos Maradei alternavam-se em sua Direção. Mas, à medida que o trabalho se foi avolumando, João já não conseguia conciliar as atividades médicas com as docentes e administrativas do hospital, e seu irmão Humberto passou a exercer, definitivamente, o cargo de Diretor.

Em 1992 foi implantada na Clínica a Residência Médica em Ortopedia e Traumatologia, devidamente autorizada e fiscalizada pela Sociedade Brasileira de mesmo nome.

Em dezembro de 1998, João Maradei foi agraciado pelo Colégio Brasileiro de Cirurgiões, Capítulo do Pará, com o Prêmio João Prisco dos Santos, conferido ao Cirurgião do Ano.

Enquanto isso, uma série de fatores se vieram somar, condicionando queda significativa na receita da empresa. Buscando solucionar a crise emergente, os irmãos Maradei divergiram em busca da melhor solução a adotar. Humberto preferia contratar os serviços de uma empresa de consultoria de Fortaleza, enquanto João, já contando com o apoio dos filhos, todos seguidores de sua especialidade, pleiteava reassumir a administração. Diante do impasse, sempre leal ao irmão mais velho, João renunciou ao próprio propósito, decidindo-se partir para a criação de um novo serviço para si e para os filhos, a que denominaria Clínica Orthomed. Instalou-o no 17º andar do Edifício Síntese 21, em Belém, em novembro de 2004.

Lamentavelmente, no ano seguinte, seu irmão muito amado viria a falecer, vítima de grave enfermidade. João e os filhos tiveram de assumir a administração da Clínica dos Acidentados. Por sorte, sua filha Gisele, além de médica já era pós-graduada em Administração Hospitalar e Auditoria Médica. Enquanto o pai e os três outros filhos (Sílvia, Márcia e João Alberto), também cirurgiões ortopédicos e traumatologistas operavam, Gisele cuidava da gestão, pondo em ordem o que não dera certo sob a consultoria contratada. Cada qual com seu talento direcionado a determinada subespecialidade: Sílvia, especializada em Cirurgia do Pé e do Tornozelo; Márcia em Cirurgia de Mão; e João Alberto em Cirurgia do Joelho.

Quando da fundação da Academia de Medicina do Pará em 1987, João Maradei foi chamado a integrá-la na condição de Membro Titular, ocupante da Cadeira de nº 26, cujo Patrono é Américo

Marques Santa Rosa, inquestionavelmente um dos maiores nomes da História da Medicina em nosso Estado.



Em fins de 2017 a empresa começou a cogitar da mudança de seu nome-fantasia para Hospital Maradei, considerando a expansão física da instituição e a ampliação dos serviços por ela oferecidos. A denominação anterior de Clínica dos Acidentados passaria agora à condição de subtítulo. No ano seguinte, quando da realização de importante reforma de modernização da fachada, este intento foi concretizado.

Eis aí o exemplo edificante de um pai empreendedor que, com muita sabedoria e liderança consegue motivar toda a prole – filhos e netos –, para um projeto bem-sucedido de empresa/família, onde o amor, a fé e a honestidade argamassam e alicerçam a solidez de uma obra destinada à perenidade e ao bom êxito.



Referência

MARADEI, João. **Ossos e Ofício**: um médico, uma clínica, o legado.
MARADEI, Márcia; CORRÊA, Paulo Maués (orgs.). Belém: Paka-Tatu, 2016. 316 p.

